



AS ESCALAS DAS INFÂNCIAS NA CARTOGRAFIA FICCIONAL DE JADER JANER E NA GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: DAS INSIGNIFICÂNCIAS ÀS SIGNIFICÂNCIAS

Aline Mello Campos¹

RESUMO

Este projeto é uma interface Geografia e Literatura que analisa a relação entre a cartografia da Geografia da Infância, proposta por Jader Janer, e a cartografia presente no texto ficcional da obra *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados* a partir da escala, num diálogo entre escala cartográfica, escala geográfica e escalas vivenciais das crianças. As escalas geográfica e cartográfica, apesar de distintas, complementam-se segundo Cavalcanti (2019), porém sem relação e diálogo, segundo Castro (2010) e Souza (2013). Por isso, o problema dessa investigação é até que ponto as escalas geográfica e cartográfica estão presentes nas escalas vivenciais da cartografia da Geografia da Infância e da cartografia ficcional de Jader Janer? A hipótese é a de que há elementos da escala cartográfica e da escala geográfica no mapa produzido com as escalas vivenciais das crianças quando as significâncias dessas crianças estão representadas no mapa. A fundamentação da pesquisa será feita pelo próprio Jader Janer, autor da obra investigada e geógrafo da infância que traz as concepções de criança, infância(s), mapa e cartografia. A concepção de cartografia tratada aqui não é uma cartografia métrica, mas medida na intensidade vivida. A metodologia terá como categoria de análise a escala e se estudará o caso de duas escolas gonçalenses da rede Estadual do Rio de Janeiro e a produção de mapas com as escalas das crianças durante a pandemia.

Palavras-chave: Cartografia; Literatura; Geografia da infância; Escala geográfica; Escala cartográfica.

ABSTRACT

This project is the Geography and Literature interface that analyzes the relationship between the cartography of Geography of Childhood, proposed by Jader Janer, this cartography present in the fictional text of the work *The button collector and the girl who liked scale maps*, in a dialogue between cartographic scale, geographical scale and children's experiential scales. The geographic and cartographic scales, despite distinctions, complement Cavalcanti (2019), through a creative dialogue, according to Castro (2010) and Souza (2013). Therefore, the problem of this investigation is to what extent are geographic and cartographic scales present in the experiential scales of the Cartography of Childhood Geography and Jader Janer's fictional cartography? The hypothesis is that there are elements of cartographic scale and geographic scale in the map produced with the children's experiential scales when the meanings of these children are represented on the map. The basis of a research will be done by Jader Janer in his own name, author of an investigation on childhood geographer that brings the conceptions of child, childhood(s), map and cartography. A concept of cartography dealt with here is not a metric cartography, but measured in vivid intensity. The methodology is categorized by scale analysis and the case of two "gonçalenses" scales from the State network of Rio de Janeiro and a map product with the scales of children during a pandemic will be studied.

¹ Mestranda do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores – UERJ-FFP, amellocampos@yahoo.com.br.



Keywords: Cartography; Literature; Childhood geography; Geographical scale; Cartographic scale.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a relação entre a cartografia da Geografia da Infância e a cartografia presente no texto ficcional da obra *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados*, de Jader Janer Moreira Lopes, a partir da escala geográfica e da escala cartográfica em diálogo com as escalas vivenciais das crianças. Para Cavalcanti (2019, p. 108), a Escala Geográfica e a Escala Cartográfica são distintas e complementares.

Ao falar sobre escala, nossa categoria de análise da obra pesquisada, trazemos Souza (2013, p. 181) que diz: “Ela [escala geográfica] tem a ver não com a fração da divisão de uma superfície representada em um documento cartográfico, mas sim com a própria extensão ou magnitude do espaço que se está levando em conta”. O inquietante na obra de Jader Janer é que a escala cartográfica do mapa da menina-personagem não representa só o local, só a cidade da menina no mapa, há uma multiescalaridade, podendo-se falar em escala geográfica. Os biscoitos da Senhora do Deserto, uma refugiada, trazem consigo a escala de um outro povo, um outro lugar que enriquece o mapa da menina. Para Jader Janer, cabe, na cartografia produzida por crianças, além da escala cartográfica, a escala geográfica, em um diálogo com as escalas vivenciais. É o que defendemos nessa pesquisa.

Visto isso, somos levados ao problema da pesquisa: até que ponto as escalas geográficas e cartográficas estão presentes nas escalas vivenciais da cartografia da Geografia da Infância e da cartografia ficcional de Jader Janer?

Na obra *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados*, o botõeiro diz à menina que “(...) as pessoas ficam pequenas quando estão longe, porque estão longe! E outras coisas ficam grandes quando estamos longe” (LOPES, 2017, p. 30) e acrescenta: “Eu estou longe da minha terra, ela para mim é pequena agora, mas com muitas coisas grandes também. Os adultos sofrem com muitos problemas de tamanho” (LOPES, 2017, p. 30). Há, nesse fragmento, as concepções de escala cartográfica e escala geográfica. Como ressaltam Nascimento, Silva e Miriam (2020, p. 44):

Escala geográfica e cartográfica são inversamente proporcionais, pois ao passo que as escalas cartográficas grandes são utilizadas para representação de áreas pequenas



e as escalas cartográficas pequenas são utilizadas para áreas grandes. As escalas geográficas pequenas referem-se aos contextos socioespaciais de pequena extensão, tais como o local e o regional, já as escalas geográficas grandes referem-se aos recortes espaciais de grande extensão, tais como o nacional e o global.

Lopes, em sua obra, projeta as significâncias do mundo multiescalar da menina no mapa da sua cidade e em seu mapa autobiográfico, pois, como afirma Castro (2010, p. 88 *apud* CAVALCANTI, 2019, p. 106): “o recurso de pensar a escala (geográfica) permite analisar o fenômeno a partir da medida da sua significância, isto é, da extensão que lhe dá sentido. (...) A escala cartográfica está relacionada a matemática e não é satisfatória para a análise geográfica”. Castro (2010), assim como Souza (2013), não acredita em um diálogo entre as escalas geográficas e escalas cartográficas, prefere a distinção entre elas. O que acontece na obra de Jader Janer é que a criança é “uma unidade vivencial” (LOPES, 2018, p. 49). A menina-personagem tem as suas vivências potencializadas pelo encontro com pessoas que traziam outras escalas com elas; eis o desafio de proporcionar às crianças um repertório de vivências que potencializem a sua criatividade e as revoluções cognitivas, pois, para Lopes, em uma perspectiva Vigotskiana, “o desenvolvimento humano não se dá como evolução, mas sim como revolução, não como planos a serem alcançados numa escala temporal, são revoluções constantes que nos formam (...)”.

Ao ler Jader Janer escritor e geógrafo, fui me apropriando de conceitos de infância(s), criança, cartografia e escala juntamente com as concepções de criança como “um outro”, de Barenco, e de concepções de criança na Literatura Infantil brasileira, em Arroyo e Coelho. Desse modo, todo o projeto estará relacionando as escalas da cartografia ficcional de Jader Janer com a sua cartografia da Geografia da Infância. Crianças ficcionais e crianças reais serão as protagonistas desse projeto juntamente com a produção de seus mapas pensados à luz da escala geográfica e da escala cartográfica em diálogo com as escalas vivenciais.

A expectativa dessa pesquisa é contribuir, pedagogicamente, com a aprendizagem de cartografia nas escolas, o trabalho docente, a produção de materiais didáticos e as propostas curriculares.

Já existem pesquisas em cartografia para as infâncias na perspectiva da Geografia da Infância pelo Brasil – Medeiros (2012), Lima (2014), Roberti (2015) e Benedict (2016) –, porém, na realidade da escola em que atuo na periferia de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, não há garantias de que aconteçam práticas que levem em conta as escalas vividas pelas crianças. Limitamo-nos às escalas cartográficas adultocêntricas e não nos apropriamos, como professores, das escalas das infâncias da periferia. Por conta disso, a investigação se dá



em duas escolas de São Gonçalo, visando conhecer essas infâncias da periferia por meio da produção de mapas com as suas escalas, dialogando com a investigação do problema na obra literária de Jader Janer Moreira Lopes. Como a pesquisa transcorre durante a pandemia, os procedimentos são de maneira remota.

Investigar tal obra é importante, pois nos faz pensar que as escalas das crianças contribuem para o seu desenvolvimento cognitivo em relação com o mundo, o outro e si mesmo.

O objetivo central é analisar a relação entre a cartografia da Geografia da Infância proposta por Jader Janer e a cartografia presente no texto ficcional da obra *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados* a partir da escala geográfica em diálogo com a escala cartográfica e com as escalas vivenciais das crianças. Os objetivos específicos são: construir um panorama das concepções teóricas de criança e infâncias na contemporaneidade; fazer um balanço histórico das concepções de criança e infâncias na literatura infantil brasileira; caracterizar as concepções teóricas de cartografia para as infâncias do geógrafo Jader Janer e como elas estão presentes em sua obra literária; identificar a escala geográfica e a escala cartográfica das infâncias na cartografia ficcional do autor e investigar formas de representação de tais escalas com as turmas de 6º ano da rede pública estadual do Rio de Janeiro em escolas de São Gonçalo.

METODOLOGIA

Esse estudo terá uma abordagem qualitativa por acreditar que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1993, p. 21-22 *apud* LAKATOS, 2017, p. 303).

A interpretação geográfica da obra ficcional de Jader Janer se dá a partir da escala sendo a categoria que fundamenta a metodologia. Interpreta-se a multiescalaridade dos encontros da menina-personagem com as demais personagens da obra: o encontro com o botãoeiro, o Senhor das Quinquilharias, a Senhora do Deserto e tantos outros encontros da menina que foram parar em seu mapa. Cavalcanti diz que:

Percebe-se, então, que a Escala Geográfica, em interação com a Escala Cartográfica, é um importante princípio metodológico para o desenvolvimento do pensamento geográfico, permitindo a realização de recortes espaciais para se analisarem os



fenômenos, sem perder de vista sua totalidade. Esse pensamento está sendo entendido aqui como a capacidade cognitiva de o sujeito interpretar de modo multiescalar um determinado fenômeno, levando em consideração os conceitos básicos de Geografia, tanto na pesquisa geográfica como no ensino. (CAVALCANTI, 2019, p. 106-107)

Assim, propõe-se uma pesquisa em duas escolas da rede Estadual do Rio de Janeiro no bairro Trindade, em São Gonçalo, em turmas de 6º ano. As escolas são: a Escola Estadual Lauro Corrêa e o CIEP 408 – Sérgio Cardoso.

São investigadas as escalas dos mapas produzidos por alunos dessas turmas de 6º ano. A proposta é que as crianças façam um mapa de alguma trajetória de seu cotidiano no bairro, mas que estejam impedidas de ir devido à pandemia. Nessa representação, elas devem colocar os objetos espaciais que são importantes e significativos para elas. É pedido, também, às crianças que se fotografem olhando por um botão (de roupa) e que enviem esta foto pela plataforma juntamente com o desenho e a descrição do que viram. A professora propõe que os estudantes usem a imaginação. A terceira atividade proposta às crianças do sexto ano é que produzam mapas autobiográficos, seus mapas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste projeto, iremos entender a criança como um outro, com as suas lógicas próprias, superando concepções que entendem a criança como ainda-não-ser, ausência, in-completude, i-racionalidade, i-maturidade; para isso, recorreremos a Barenco e Lopes.

Barenco, ao falar das lógicas infantis, questiona se a criança é um outro e ela mesmo responde:

As crianças entendem nossa lógica sim. Compreendem e dela se apropriam, criando suas linguagens e formas de ver o mundo, formas essas que se reduzem à forma adulta, um dia. Há, entre as formas infantis e as formas adultas, uma ligação que não é linear, a despeito dos esforços empreendidos para tentar compreender e capturar a lógica infantil. Estamos provavelmente diante do encontro entre duas culturas, com certeza entre duas lógicas (...). (BARENCO, 2009, p. 63)

Mas nem sempre se entendeu a criança como um outro. Para Merleau-Ponty, “para que se pudesse falar de uma representação do mundo na criança, seria preciso que a criança totalizasse verdadeiramente sua experiência em concepções gerais. Como Wallon observa, todo um setor dessa experiência é, para a criança, lacunar” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 13). Também Buber vê a criança como incompleta: “Como o primitivo, a criança vive de um sonho a outro (para ela grande parte da vigília é ainda um sono) no clarão e no contra-clarão



do encontro” (BUBER, 2001, p. 67). É muito recente uma concepção de criança como um outro, segundo Barenco (2009, p. 87):

(...) pelas limitações teóricas da época em que Piaget escreveu sua pesquisa, hoje percebemos problemas na assunção de sua teoria como principal modelo teórico. Nos últimos anos a partir de uma mudança de foco nas perspectivas das próprias tarefas aplicadas a crianças pequenas, para a avaliação das capacidades cognitivas infantis, pesquisas foram conduzidas e tiveram resultados que permitiram perceber uma imagem da criança não mais como “caos de sensações confusas e chocantes” como dizia William James ou como as organizações destituídas de racionalidade das perspectivas clássicas. A questão, como diz Navarro (2000), é que o paradigma que permeou as pesquisas até a poucos anos seguia o modelo terminal, ou seja, observavam-se as habilidades e capacidades infantis em relação a resultados finais ou ponto de chegada: o ser adulto. A consequência desse modelo é que se toma a infância, do ponto de vista cognitivo, em função do que a criança ainda não tem, ou seja, essa criança é sempre “pré”.

Nem sempre o autor da obra literária pesquisada é o mesmo autor que fundamentará um projeto de Mestrado. Porém, nessa pesquisa, o autor de ficção será o mesmo autor que fundamentará essa investigação. Jader Janer, em sua obra literária *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados*, traz à consciência da pesquisadora, a todo o tempo, as concepções do geógrafo Jader Janer de crianças, infâncias, mapas e cartografia, que resultam desse diálogo com o autor da obra literária e o geógrafo da infância. Iniciaremos trazendo a concepção de criança em Lopes (2018, p. 24):

Penso que toda criança é criança de um local. De forma correspondente, para cada criança do local existe também um lugar de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência. Ao mesmo tempo toda a criança é criança em locais dentro do local, pois esse mesmo mundo adulto destina diferentes parcelas do espaço físico para a materialização de suas infâncias.

Porém, precisamos trazer um pouco a contextualização do conceito de criança no tempo histórico, diferenciando a concepção de criança e infâncias em Darnton (1988, p. 47 *apud* LOPES, 2018, p. 27):

Ninguém pensava nelas [nas crianças] como criaturas inocentes, nem na própria infância como fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de se comportar. Brinquedos para crianças, roupas, acessórios infantis, artefatos comuns nas sociedades atuais teriam sua origem nas mudanças europeias a partir do século XVII, assim como os espaços próprios para crianças.

Para Postman (1999, p. 34 *apud* LOPES, 2018, p. 29), a infância ganha um mundo próprio com o surgimento da imprensa, dizendo que:



(...) o reforço dessa separação ocorre com o surgimento da imprensa com caracteres móveis, a qual irá estabelecer uma nova concepção de adulto, excluindo as crianças e, dessa forma, “tornou-se necessário encontrar outro mundo que elas pudessem habitar. Esse outro mundo veio a ser conhecido como infância”.

Mas é no século XIX e XX que a infância ganha cientificidade, tornando-se um conceito universal e irrefutável. Na citação abaixo, fica claro o que estamos afirmando aqui na fala de Lopes:

Ao final do século XIX, surge o viés da cientificidade na abordagem da infância. Os estudos de Sigmund Freud, de John Dewey, associados a outros no século XX, como os de Jean Piaget, consolidam as bases para a Psicologia do Desenvolvimento e transformam a infância num conceito científico e universal, passível de ser apreendido e pesquisado e, ao que parecia na época, irrefutável”. (LOPES, 2018, p. 30)

Lopes prossegue nos situando na concepção de infâncias e não de infância, pois a Europa inventou uma infância e o que temos, na verdade, são muitas infâncias devido à diversidade cultural, presente no mundo:

Uma leitura simplificada da obra de Ariès pode nos levar à conclusão de que foi na Europa que surgiu o primeiro sentimento de infância, porém as pesquisas etnográficas demonstram que diversas comunidades, fora desse continente, já demarcavam um lugar diferente dos adultos para suas crianças, assim como o trabalho de diversos historiadores e sociólogos, entre outros.

Assim, podemos dizer que em condições materiais e simbólicas de produção da existência das crianças são bastante diferenciadas. Não podemos falar da existência de uma única cultura própria das crianças, mas, sim, de culturas infantis, caracterizando desse modo a pluralidade que lhes é inerente. A pretensa universalidade, pressuposta no pensamento de Áries para o ser criança no mundo ocidental, na verdade, esconde uma variedade de dimensões de infância que variam de localidade para localidade e constituem uma diversidade de marcas sociais. Khoan (2004) afirma que “não podemos dizer que a Europa inventou a infância, mas sim uma infância”. (LOPES, 2018, p. 32)

A infância não é apenas um período da vida como diz Meyer (2012, p. 4 *apud* LOPES, 2018, p. 70), mas a condição de nos tornarmos humanos:

Compreender a infância exige dialogar com as crianças, escutar atentamente o que falam, pensam e sentem sobre o mundo em que vivem, dando credibilidade ao que têm de singular e próprio. Podemos compreender também a infância para além da criança, como Benjamin (2006) e Agamben (2005), como um tempo não linear, de ruptura e de invenção que está no início da produção/criação de si e do mundo. Desse modo, a infância, longe de ser um período da vida, é parte da condição que nos torna humanos.



Após contextualizarmos a conceituação de criança e infância(s), vamos pensar a produção de mapas pelas crianças, pois:

(...) os mapas das crianças buscam evidenciar o movimento presente nos seus cotidianos. Elas não representam somente as formas e os objetos da paisagem, de forma estática, mas também a dinâmica do cotidiano vivido. (LOPES, 2018, p. 81)

Na obra ficcional de Lopes, a menina-personagem questiona a limitação da concepção de mapas para as crianças, perdendo-se a oportunidade de um mapa repleto de vivências.

– Mas hoje só tem mapa de papel, não é?

(...)

– A maior parte sim e com desenho feito de cima. Os mapas ficaram chatos, não é? A-CHA-TA-DOS – pronunciou separando cada sílaba da palavra.

(...)

– Passa a mão neles, nem sentimos nada. Parece que tudo foi embora. Não gosto dos mapas em que as coisas vão embora. Gosto de mapas em que tudo está lá: as voltas do mundo, do vento, as curvas tortas das ruas, das casas e dos prédios, uma pitada dos sabores e temperos do mundo, do gosto que as coisas têm. Gosto de mapas comoventes. Mas não se aprende mais a fazer mapas comoventes, não se fazem mais mapas que nos co-movem – respondeu ele, separando só um pedaço da palavra. (LOPES, 2017, p. 22-23)

Nos mapas das crianças, “pessoas e animais estão sempre em destaque nos seus desenhos. As formas presentes na paisagem (em grande parte) aparecem acompanhadas por esses seres” (LOPES, 2018, p. 81). Conhecer as crianças e respeitar a sua produção de mapas como condição para se tornarem humanos é permitir a elaboração criativa dos mapas por elas, as crianças. Também é importante, sobre a elaboração de mapas pelas crianças, compreender que, “na vivência do espaço, as crianças não estão construindo outros espaços dentro do espaço, elas estão produzindo uma espacialidade não existente” (LOPES, 2018, p. 87). O fragmento do texto ficcional traz bem essa concepção de Lopes de sobre espacialidades inexistentes de crianças. Nesse diálogo entre a Geografia da Infância e a cartografia ficcional de Lopes, fica a capacidade do autor de fazer o diálogo entre a ciência e a arte:

Ela (a menina) chegou até uma moça sentada na área central e disse:

– Quero ver Atlas. Você tem alguns aqui?

(...)

– Lugares reais ou imaginários? – Perguntou a mulher.

– Mas existem diferenças? – Quis saber a menina.

A mulher se curvou, aproximando-se dela e pronunciou palavras em voz mais baixa:

– Claro que não, mas nem todas as pessoas sabem disso. Só vocês, crianças, sabem que essas coisas são tudo a mesma coisa. Mas querem separar tudo na gente. Não deviam, não é?

(...)

A mulher chegou com muitos outros na mão:



– Aqui. Trouxe atlas de muitos lugares, misturei tudo, lugares reais e imaginários, mas esses são todos lugares que já existem. Tem também esses aqui! – Ela colocou mais uma pilha na mesa – São dos locais que não existem, que ainda serão criados, eles estão todos atualizados, semana passada muitas crianças nos visitaram e eu pedi a elas que os deixassem todos novos. Foram muitos giz de cera e lápis coloridos, mas estão lindos. Agora são todos seus. Pode sentir à vontade. (LOPES, 2017, p. 88-91)

Lopes (2018, p. 80) prossegue dizendo que:

(...) no GRUPEGI, temos utilizado, como referência para nosso trabalho em Geografia, o conceito de vivência de Vigotski, buscando sistematizar um fazer cartográfico que leve em consideração as referências espaciais das crianças na produção de mapas. Tradicionalmente, as lâminas cartográficas apresentam a perspectiva adulta dos espaços geográficos. Grande parte de nossos mapas são “adultocentrados”, com elementos que remetem para um único “olhar” espacial. Nosso desafio tem sido cartografar não só o mundo vivido das crianças, para que, a partir disso, possamos fazer uma cartografia que vá além das perspectivas adultocêntricas, incorporando a autoria das crianças.

Em Lopes, a criança traz suas vivências para o mapa, rompendo com uma visão adultocentrada, que podemos perceber no fragmento abaixo de sua obra ficcional, no qual o botãoeiro vai dizer a menina-personagem que os mapas não são veículos de verdades incontestáveis, mas dizem só um pouco da verdade. O trecho mostra que a escala das crianças não é a mesma escala dos adultos, que em um mapa de criança cabe “poças da água”; e o botãoeiro vai mais longe, dizendo que não só as escalas das crianças são negadas nos mapas, mas muitas vezes estas são ignoradas. Podemos pensar nos indígenas, nos quilombolas, nos refugiados etc.

– Os mapas dizem a verdade?

Agora ele tratou de responder:

– Só um pouquinho de verdade.

(...)

– É sempre tudo invenção de quem fez o mapa. Na verdade, até as verdades são invenções. Verdade é uma palavra que a gente criou para acreditar que existem verdades! Eu me afasto de pessoas que só têm palavras verdades. Tem que tomar cuidado com elas e tem que cuidar delas. Palavras desconfiadas é que devemos catar por aí.

– Catar palavras por aí? – A menina riu.

– Sim, tem muitas a se catar. E as desconfiadas são melhores, pois tem verdades importantes. Palavras são sempre re-inventadas, invenções às avessas.

Ela riu mais ainda e disse:

– Que confusão de palavras avessas!!!

– É que as palavras são assim mesmo, nós as inventamos para ajudar a pensar o mundo, contar as coisas que estão por aí, dizer das pessoas. Não é que depois elas nos inventam! Criamos as palavras e depois nascemos nas palavras que nos são ditas. Criações constantes! Mas voltemos às verdades: na rua onde você mora tem buracos?

– Buracos? Tem poças da água que pulamos quando chove! Buracos são poças da água?



Ela gostava de falar assim mesmo: ‘poças da água’, alguns adultos já haviam corrigido, mas ela não esqueceu o seu jeito de dizer algumas coisas.

– Para os adultos buracos são buracos, podem até virar poças da água. Mas elas fazem eles ficarem doentes. Por isso nem pisam mais nelas. Quando tem uma criança, podem até pisar. Já viu aquele mapa grande que tem na praça da cidade? – Fazia referência a um mapa que tinha informações turísticas e de localização de alguns pontos da cidade.

– Sim. É grande mesmo – ela respondeu, afirmando.

– Lá tem poças da água? Tem poças d’água?

– Não...não tem!

– Pois é, como as pessoas vão saber onde molhar os pés quando a chuva cair na cidade? E você me pergunta se os mapas dizem a verdade!

– Nossa temos que ir lá colocar as poças da água nesse mapa. Será que quem fez o mapa esqueceu?

– Não esqueceu! Não esqueceram! É, novamente, um problema de escala. As escalas das pessoas no mundo são diferentes. Algumas escalas são sempre esquecidas.

– A das crianças? – Indagou a menina fazendo referências à parte final da frase dita.

– Não só das crianças, mas essas também, frequentemente, são ignoradas. (LOPES, 2017, p. 40-42)

Na cartografia ficcional de Jader Janer, a menina está dentro do mapa, nos lembrando Seemann (2012, p. 94) que diz que “mapas são como transcrições de nós mesmos”. Ele também dirá:

Quem disse que o mapa é alguma coisa fria e impessoal que “não tem nada a ver” com as nossas vidas? Pense na planta da sua cidade, na carta topográfica da sua região. Não olhe apenas para localizar banalidades ou medir distâncias. Com certeza, você vai apontar o seu dedo indicador para lugares que você conhece, por onde passa diariamente, locais que gostaria de conhecer, outros que queria evitar, ruas onde moram amigos, parentes, onde fica sua própria casa, onde surgem lembranças de momentos felizes, tristes... Ainda fique olhando... Quando olhar mais, descobrir que, queira ou não, o mapa se revela como uma parte integrante da sua vida, porque na leitura de um mapa, você não apenas “localiza” lugares ou “se orienta”, mas também chega a reconhecer localidades, percursos, lembranças e outras referências à sua vida. Você mesmo está dentro do mapa. (2012, p. 94)

Jörn Seemann nos fala, também, que “os mapas existem para serem lidos como história pessoal, sendo uma afirmação que eu ainda pertencço” (2012, p. 97). O autor acrescenta:

Ainda sobra uma dúvida: O que fazer quando não temos um mapa do nosso lugar? O que fazer quando o mapa não está disponível, porque a burocracia dos órgãos públicos ou das empresas executoras não permite o acesso? Quando o mapa que procuramos simplesmente não existe, nunca existiu? Ora, será a nossa tarefa FAZER o mapa. Neste caso, não usaremos um mapa para escrever a nossa biografia. Pelo contrário, exploraremos a nossa biografia para fazer o nosso mapa. (2012, p. 98)

RESULTADOS E DISCUSSÃO



No CIEP 408 – Sérgio Cardoso, de um total de sete alunos, um entregou a atividade na plataforma on-line. Já no Colégio Lauro Corrêa, dos 30 alunos da turma 601, seis entregaram e dos 31 alunos da turma 602, oito entregaram. Preliminarmente, tem-se um total de 15 trabalhos entregues.

A praça do bairro foi desenhada por seis dos 12 alunos como destino do trajeto, coincidindo com uma experiência com crianças relatada por Lopes (2018, p. 24), cujos “desenhos solicitados a essas crianças, sobre quais lugares da comunidade elas vivenciam e nos quais passavam mais tempo, a praça apareceu no desenho de todas que fizeram essa atividade”.

Dois alunos desenharam locais com as funcionalidades do bairro: padaria, sacolão, escola, mercadinho. A padaria apareceu no desenho dos dois alunos como destino de trajeto. A aluna G diz que: “As coisas que tem no meu trajeto indo para a praça são importantes porque são comércios essenciais para nós. Na pandemia esses comércios foi prioridade na nossa vida porque não temos muita opção nessa pandemia” (*sic*).

Uma aluna desenhou o mapa do trajeto de sua casa à escola com casas e igrejas no caminho; a aluna S. não deixou claro o destino, mas desenhou muitas casas “para que fique mais bonito”; a aluna G. desenhou o interior de sua casa; a aluna B. desenhou o mapa da sua casa até a loja de balas e uma máscara devido à pandemia; a aluna M., da turma 602, escreveu: “Prof tenho uma pergunta, eu ã tenho um lugar no meu bairro que eu queira ir ent oq eu faço?” (*sic*). Minha resposta foi: “M. desenhe um lugar que você goste de estar, ok?”. Ainda não obtive resposta.

Até o momento, verificou-se que as escalas dos estudantes das escolas investigadas convergem com a concepção do Jader Janer, porém com a particularidade de tratar de crianças de periferia vivendo uma pandemia.

O que a criança põe em seu mapa são suas escalas, tanto as crianças reais como a da ficção. Com meus alunos não foi diferente: máscaras, lojas de bala, praças, seus brinquedos etc.



Figura 1: Mapa da aluna H. da turma 601 do Colégio Lauro Corrêa



Fonte: Campos, 13 maio 2021.

Figura 2: Mapa da aluna B. da turma 601, do CIEP 408 – Sérgio Cardoso



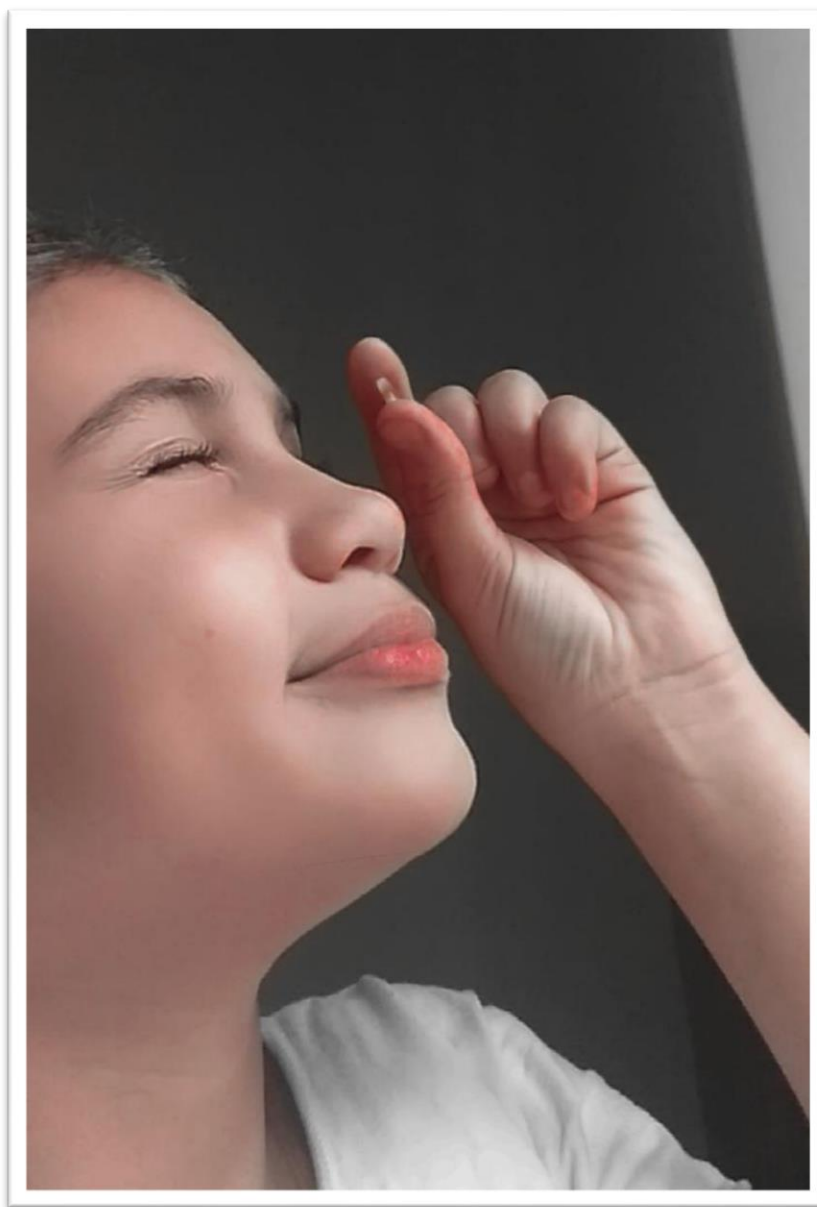
Fonte: Campos, 13 maio 2021.



As figuras 1 e 2 mostram o mapa do trajeto de casa a um lugar que gosta muito no bairro. A aluna H desenhou a praça do bairro e as suas escalas de criança como um brinquedo do parquinho da praça, que eu também gostava muito quando era criança, pois sou moradora do mesmo bairro dos meus alunos; a aluna B desenhou uma máscara e o destino, uma loja de balas, pois não se pode esquecer da máscara devido à pandemia.

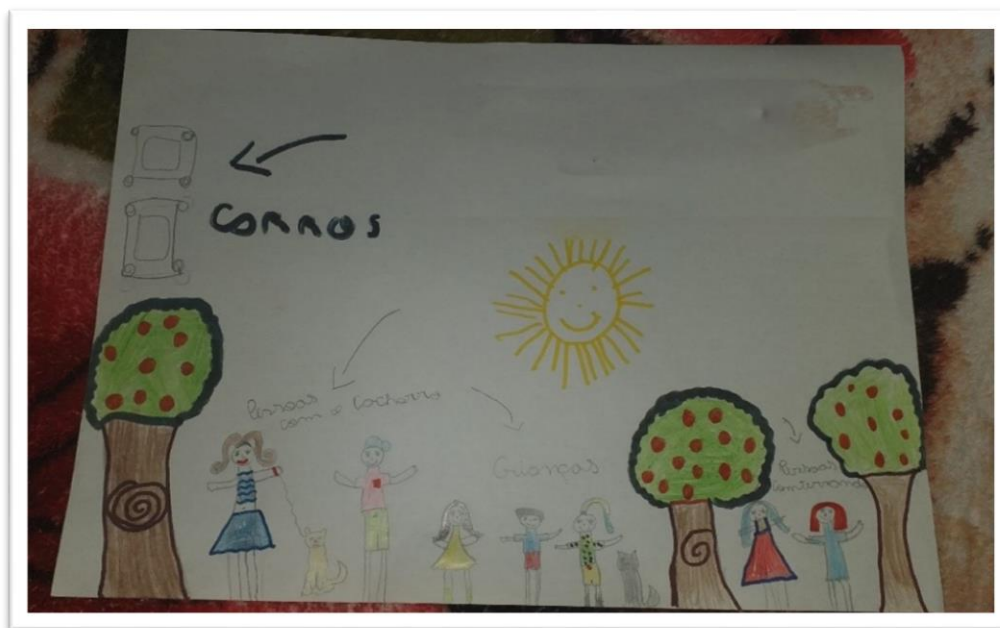
A seguir, temos a estudante H. olhando através do botão, proposta da atividade remota. Ela escreveu que vê a seguinte paisagem: “eu vejo carros passando muitas árvores pessoas andando com seus cachorros, crianças brincando um mundo muito mais feliz” (*sic*).

Figura 3: Estudante H. olhando através do botão



Fonte: Campos, jun. 2021.

Figura 4: Desenho da paisagem que a aluna H. vê através do botão



Fonte: Campos, jun. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este artigo é fruto de um Projeto de Mestrado, ainda em andamento, que vem mostrando à pesquisadora que as escalas das crianças merecem e devem estar em seus mapas e validados pela escola. Não basta as escalas cartográficas adultocêntricas, matematicamente concebidas e longe do interesse e vivência da criança. Apesar de todo o tempo estarmos dialogando com a escala cartográfica, escala geográfica e escalas vivenciais no mapa das crianças ficcionais e reais, há muitas infâncias e a infância da periferia não é visibilizada pela cultura escolar da periferia, pois ainda não se apropriaram do protagonismo e da alteridade dessas infâncias. A cartografia ficcional de Jader Janer em *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados* nos ensina que a criança é um outro e que seu mapa deve ser “um grande mapa contente, descansado e falante” (LOPES, 2017, p. 100), porém as insignificâncias nas escalas das infâncias, aquilo que não interessa ao adulto, ainda não encontraram lugar nos mapas produzidos por crianças na escola, principalmente as crianças da periferia. Dar voz as crianças pode revelar escalas e transformar a cartografia escolar em uma prática em que o fenômeno venha antes do mapa e não ao contrário.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LOPES, Jader Janer Moreira. **O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados**. Juiz de Fora, 2017.

LOPES, Jader Janer. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira; BARENCO, Marisol (org.). **O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis**. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. **Geografia da Infância: onde encontramos as crianças?** ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017, pp.101-118.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As relações com o outro na criança**. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984.

SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas – Uma viagem pelo mundo da cartografia**. Gurupi: Editora Veloso, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NASCIMENTO, Diego Tarley Ferreira; SILVA, Luan do Carmo da; BUENO, Miriam Aparecida. Escala e generalização: prerrogativas para o ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; SANTOS, Leovan Alves dos (org.). **Escala e ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.